



Boas Práticas

Observar e estar atento

Tronco do módulo R

1. Contexto

Escolar primária e 2º ciclo

2. Objetivos

Esta ficha de boas práticas tem como objetivo mostrar através de um caso prático também dito de clínico, como o professor ao escolher adotar uma posição empática na relação com a criança com NEE¹ consegue inseri-lo no grupo. Ao basear-se nos recursos apresentados pela criança, tendo em conta a sua singularidade, o professor apoia-o para o ajudar a encontrar um lugar no grupo e encoraja-o de modo a estabelecer uma relação.

3. Desenvolvimento da boa prática

☞ *Curta explicação sobre a situação da criança:*

E.L é um rapaz e 10 anos. E.L. fica sozinho durante o intervalo, não estabelece relações nem brinca com as outras crianças, anda à roda e fica perto do adulto fazendo movimentos com os dedos e com as mãos. Os seus olhos são muito expressivos, podemos mergulhar neles, viver muitas emoções, mas ficamos com poucas respostas, mas devemos procurar respostas? Quando cheguei à turma integrada, E.L. era um elefante à solta, ele era o oposto do grupo depois começou a integrar-se gradualmente, encontrou o seu lugar e mostra à turma o que é.

☞ *Primeira situação prática : « O ritual do maestro » !*

Muito sensível ao universo musical, E.L. é a fonte do “ritual do maestro”. Reparo que quando E.L. ouve música faz pequenos movimentos com os dedos e mãos ao ritmo da música, e com extrema delicadeza. Falo com ele sobre o que acabara de observar e pergunto-lhe se se importa de o mostrar aos colegas, tomando o meu lugar em frente do grupo. E.L. instala-se e proporciona-nos um momento mágico, simples e doce, um autentico momento que nos emociona e abrange. A partir deste momento, todas as manhãs, um aluno faz o papel de “maestro”, todos adoram

☞ *Segunda situação prática “falar, falar” !*

¹ Necessidades Educativas Especiais

Instala-se um clima de confiança e de ouvir na turma, dispensamos tempo para ouvir as palavras uns dos outros e para dar o nosso apoio a todos, a nossa ajuda se alguém a pede. O mesmo acontece com o E.L. quando ele faz longos discursos todos (alunos e professores) estão atentos para apanhar a mensagem. reformulamos com as nossas próprias palavras, mas não consigo perceber se o facto de não o percebermos aborrece E.L. ele continua o seu discurso, alimentado de mimetismo mas sem ódio, sem impaciência. Um dia, no “tempo do silêncio”, E.L. chama-me e diz:

- « Falar, falar” isto é o que eu percebo. Eu digo que sim e sentamo-nos no tapete, recostados. E.L. fala comigo durante 10 minutos. Eu escuto, eu concordo, L. repete sons que me fazem despertar. Foi um momento mágico, eu adorei este momento de comunicação, sem códigos. Desde então, E.L. vem frequentemente ter comigo: “falar, falar” mas ter tempo para aceder ao seu pedido nem sempre é fácil.

4. Avaliação da atividade

Nesta experiência com E.L: podem identificar-se duas boas práticas: observar e ouvir. Na primeira situação, a professora deteta o gesto discreto da criança através da sensibilidade, porque uma predisposição empática faz com que ela se aperceba de algo que pode parecer trivial. A criança exprime a sua singularidade através da estética do seu gesto e a professora, ao tomar atenção a isto, usa esta singularidade para o considerar e para lhe oferecer um lugar no grupo. A criança torna-se o iniciador de um ritual que por sua vez alimentará e encorajará uma dinâmica de grupo.

Na segunda situação, é a prática de ouvir que está em questão. Tal como na observação, o ouvir envolve uma extrema sensibilidade por parte do professor que consegue reconhecer o pedido da criança e a sua singularidade. Este ouvir vai mesmo além do que a criança diz, porque o professor acha que reconhece “Falar, falar” na linguagem balbuciante da criança. Esta prática é conhecida como “atitude antecipadora”. O cuidador, por vezes, chega a alucinar o pedido da criança para entrar numa ordem simbólica da linguagem e estimular a sua relação com o outro.

5. Limitações

Podemos ver que a atitude empática é uma predisposição através da qual se entra através da sensação experienciada na sensação experienciada pelo outro para tentar descodificá-la, para destacar os recursos, os pontos de apoio que ele tem e que são a base do trabalho educativo com ele. Contudo, a atenção que exige muito tempo e muita energia.

6. Perspetivas

Mesmo quando se é receptivo à atitude empática, quando se consegue, através de ouvir e observar, identificar as situações onde os recursos e/ou os pedidos do aluno com NEE são expressos, é necessário ser capaz de contar com o apoio de uma pessoa de acompanhamento (Um auxiliar da escola, por exemplo) que pode apoiar a inclusão da singularidade da criança.